

## REDUÇÃO DE LUXAÇÃO COXOFEMORAL COM TÉCNICA DE PINO TRANSACETABULAR – RELATO DE CASO<sup>1</sup>

**Marina Batista<sup>2</sup>, Cláudia Medeiros Rodrigues<sup>3</sup>, Daniel Curvello De Mendonça Müller<sup>4</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa Institucional desenvolvida no Departamento de Estudos Agrários, pertencente ao Grupo de Pesquisa em Saúde Animal.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Medicina Veterinária do Departamento de Estudos Agrários, Unijuí; E-mail: marina\_\_batista@hotmail.com

<sup>3</sup> Estudante do Curso de Medicina Veterinária do Departamento de Estudos Agrários, Unijuí; E-mail: claudia.medeiros@unijui.edu.br

<sup>4</sup> Professor, Doutor do Departamento de Estudos Agrários, curso de Medicina Veterinária da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Orientador. cmdaniel@terra.com.br

### Introdução

As luxações são significativas dentre os casos ortopédicos observados na medicina veterinária em pequenos animais, sendo que a articulação coxofemoral é o local mais comum de luxação em cães e gatos, pois não há ligamentos colaterais. Além disso os músculos que se fixam à extremidade proximal do fêmur permitem grande movimentação dessa articulação (MURAKAMI, et al. 2012). Ela é mais frequentemente luxada em cães com mais de 11 meses de idade (BARBOSA e SCHOSSLER, 2009), sendo mais comum em cães de raças grandes, porém, também pode aparecer em raças menores ou cães sem raças definidas (ALMEIDA e WOLF, 2008).

Os acidentes automobilísticos são os maiores responsáveis dessas luxações, sendo a maior parte delas craniodorsal, devendo-se este fato provavelmente à natureza do trauma e aos músculos glúteos, que geram intensa extensão e abdução da articulação (STELLA, 2009).

A redução aberta é indicada principalmente em animais com recidiva da luxação, em luxações com complicações, como fraturas e avulsão, ou quando a lesão ocorreu há mais de cinco dias. As reduções abertas apresentam taxa de sucesso entre 73% e 100%, sendo também indicadas para animais politraumatizados que necessitam retorno precoce da funcionalidade do membro (SIA et al, 2009).

O presente trabalho tem como objetivo relatar o caso clínico de um canino fêmea, portadora de luxação coxofemoral esquerda, a qual foi corrigida cirurgicamente com técnica de pino transacetabular.

### Metodologia

Neste trabalho é descrito o caso de um canino, fêmea, sem raça definida, com cerca de dois anos de idade. Durante a anamnese o proprietário relatou que a cadela havia sido atropelada a quatro dias, aparentemente teve nistagmo e buftalmia no olho esquerdo logo após o acidente, mas não

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XXI Seminário de Iniciação Científica

apresentava dor, também apresentou hemorragia peri-ocular e apresentava urina escura. Teve o primeiro atendimento por outro profissional e estava recebendo Meloxicam há dois dias.

Entre os sinais clínicos apresentados evidenciou-se dificuldade de locomoção. Também havia escoriações no membro posterior esquerdo, cauda e virilha. Devido a suspeita de fratura durante o exame clínico, foi encaminhada para a radiografia. Também foi realizada colheita de sangue do animal para a realização de hemograma e análise bioquímica.

Realizou-se radiografia ventro-dorsal da pelve, verificando-se a luxação coxofemoral esquerda e uma fratura transversa simples completa no corpo do ísquio, portanto, foi optado por realizar a redução da fratura de forma cirúrgica.

Após indução anestésica e correto posicionamento do animal na mesa cirúrgica, procedeu-se antissepsia com Clorexidine Degermante e Clorexidine Alcoólico. Iniciou-se a cirurgia com incisão elíptica cranial ao trocanter maior do fêmur e a musculatura foi afastada com divulsão roma. A redução da luxação foi feita através da recolocação do fêmur em sua localização anatômica, após, se introduziu o pino transacetabular número 2,5 através do trocânter maior em direção a cabeça do fêmur, saindo na região da fôvea, exatamente onde estaria localizado o ligamento redondo, até que emergiu em torno de 4mm dentro do canal pélvico. A ponta externa foi cortada e dobrada. Para finalizar o procedimento cirúrgico foi realizada a síntese do tecido subcutâneo com categute número 2.0 e sutura de Sultan, e a síntese da pele foi feita com pontos isolados simples e náilon 2.0.

### Resultados e discussão

No resultado do exame bioquímico o animal se encontrava com os níveis de alanino amino transferase (ALT) e fosfatase alcalina (FA) elevados, resultados estes compatíveis com o seu traumatismo. O hemograma demonstrou leucocitose e para seu controle foi instituído a terapia com cefalotina 30 mg/kg a cada 8 horas. Para o controle da dor, instituiu-se terapia a base de meloxicam (0,1 mg/kg), dipirona (25 mg/kg) e cloridrato de tramadol (5 mg/kg).

A fixação com pino transacetabular é técnica que mantém a cabeça do fêmur estável e permite a utilização do membro com movimentação anteroposterior. De acordo com TOMLINSON (1998) o diâmetro do pino deve ser de aproximadamente dois terços ou três quartos da fôvea, portanto é imperativa a visualização radiográfica. No pós-operatório das reduções abertas, pode-se instalar uma bandagem de Ehmer que sustente o peso (BRINKER et al., 1999), ou nenhuma bandagem adicional (WHITTICK, 1978). O exercício deve ser restrito durante as três primeiras semanas. Baseado na experiência dos autores optou-se apenas pela restrição da movimentação.

No caso da fixação por pino transarticular, radiografias pós-operatórias devem ser realizadas para assegurar a eficácia da técnica (MANLEY, 1998), sendo que por toque retal pode ser confirmada a presença do pino dentro da cavidade pélvica (BRINKER et al., 1999). Os pinos devem ser removidos com 14 a 21 dias de pós-operatório. Após a terceira semana removeu-se o pino da paciente e o acetábulo encontrava-se intacto, sem qualquer evidencia de re-luxação.

A inserção do pino transacetabular atualmente tem seu uso controverso em virtude de acentuado risco de osteoartrose (BARBOSA, et al. 2012). Outras complicações dessa técnica são: quebra e migração do pino com penetração do cólon e sub ou re-luxação da articulação coxofemoral

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XXI Seminário de Iniciação Científica

(BRINKER et al., 1999). Contudo, atenta-se para a principal alternativa a essa técnica, que é a colococefalectomia, ou seja, a remoção da cabeça do fêmur, transformando a articulação coxofemoral em uma sisarcose. Sendo assim, a realização da estabilização com pino transacetabular permite a execução de uma segunda intervenção cirúrgica no caso de insucesso no primeiro tratamento.

O prognóstico das reduções cirúrgicas varia com a estabilidade conseguida após a redução e com o intervalo de tempo entre a luxação e a redução. Casos que são reduzidos precocemente e com estabilidade adequada têm bom prognóstico, e a função essencialmente normal pode ser antecipada em 70 a 75% desses animais (BRINKER et al., 1999).

### Conclusão

Diante do relatado podemos concluir que a técnica de redução de luxação coxofemoral com técnica de pino transacetabular permitiu resultado satisfatório quanto a estabilização da articulação coxofemoral, sem evidências de complicações.

Palavras-chave: canino, ortopedia, redução aberta, pino transarticular.

### Referências bibliográficas

MURAKAMI, V. Y.; CABRINI, M. C.; BRITO, A. A.; CASTANHA, N.; MIYAZAWA, M.; COSTA, J. L. O.; MOSQUINI, A. F.; MONTANHA, F. P.; Luxação Coxofemoral Traumática em Cão – Relato de Caso. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, v.9, n.18, Garça, 2012.

BARBOSA, A. L. T.; SCHOSSLER, J. E. W.; Luxação coxofemoral traumática em cães e gatos: estudo retrospectivo (1997-2006). Ciência Rural, v.39, n.6, Santa Maria, 2009.

ALMEIDA, A. C. S.; WOLF, S. H. G.; Luxação Coxofemoral em Cães; São Paulo 2008;

STELLA, A. E.; Relato de Caso – Luxação Coxofemoral; Goiás 2009.

SIA, D. B.; GOMES, C.; CONTESINI, A. E.; BOTH, A. C.; SOUZA, E. M.; FERREIRA, M. P.; GOMES, H. M.; COLOMÉ, L. M.; FERREIRA, R. R.; Comparação entre a técnica de substituição do ligamento redondo por implante de fásia lata bubalina preservada em glicerina e o uso de pino transarticular na redução e na estabilização da luxação coxofemoral experimentalmente induzida em cães; Porto Alegre 2009.

TOMLINSON JR, J.L. Reduction of coxofemoral luxations. In: BOJRAB, M.J. Current techniques in small animal surgery. Baltimore: Williams & Wilkins, 1998. p.1178-1185.

BRINKER, W.O. et al. Tratamento das luxações coxofemorais. In.: Manual de ortopedia e tratamento das fraturas dos pequenos animais. São Paulo: Manole, 1999. Cap.15, p.394-406.

WHITTICK, W.G. Traumatologia y ortopedia canina. Barcelona: Aedos, 1978. 418p.

MANLEY, P.A. Articulação coxofemoral. In: SLATTER, D. Manual de cirurgia de pequenos animais. 2.ed. São Paulo: Manole, 1998. Cap.135, p.2113-2133.

BARBOSA, A. L. T.; SCHOSSLER, J. E. W.; BOLLI, C. M.; LEMOS, L. F. C.; MEDEIROS, C. Recuperação funcional coxofemoral pós-operatória em cães: estudo clínico, radiográfico e biomecânico. Ciência Rural, v.42, n.11, Santa Maria, 2012.

# SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUÍ 2013  
Ciência • Saúde • Esporte



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XXI Seminário de Iniciação Científica



Para uma VIDA de CONQUISTAS